



UMA OUTRA ESCOLA É POSSÍVEL

Mudar as regras da *gramática escolar* e os modos
de trabalho pedagógico

José Matias Alves e Ilídia Cabral

Porto

2017

Faculdade de Educação e Psicologia

Ficha técnica

Título: Uma Outra Escola é Possível - Mudar as regras da *gramática escolar* e os modos de trabalho pedagógico

Organizadores: José Matias Alves e Ilídia Cabral

Autores: Daniela Gonçalves, Francisco Freire Soares, Ilídia Cabral, José Matias Alves, Judite Cruz, Margarida Oliveira, Marina Torres Pinto, Sónia Soares Lopes

Edição: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

Local: Porto

Data de edição: maio de 2017

Imagem da capa: Imagem do II Simpósio Internacional, Barcelona 2017

ISBN: 978-989-99486-5-5

Índice

Sistema educativo espanhol: breve explicitação e glossário	4
Uma nova <i>gramática escolar</i> em ação - Ensaio compreensivo das possibilidades	5
Centro de Estudos João XXII – Jesuítas de Bellvitge Construindo uma nova cultura educativa através de novas práticas organizacionais e pedagógicas	10
Col.legi CreaNova Um Horizonte de Esperança	21
Col.legi Mare de Déu dels Àngels (Trans)Formação educativa ao serviço da condição humana	29
Col.legi Montserrat Atrair o Futuro para o Presente – Inovação e Mudança	39
Escola Infant Jesús – Jesuites Sant Gervasi Um rumo no sentido de um trabalho escolar significativo	48
Escola Pública Riera de Ribes Uma escola centrada na pessoa – o aluno	59
Escola Sadako A mudança, na procura de uma outra forma de organizar a escola para o século XXI	69
Institut-Escola Les Vinyes Da lógica puramente disciplinar à lógica do projeto - dando sentido às aprendizagens	78
Instituto Mongròs Uma escola pública inovadora	89

Consulte [aqui](#) informação mais completa sobre o projeto de Mudança Educativa dos Jesuítas da Catalunha.

Centro de Estudos João XXII – Jesuítas de Bellvitge | Construindo uma nova cultura educativa através de novas práticas organizacionais e pedagógicas

José Matias Alves

(jalves@porto.ucp.pt, Universidade Católica Portuguesa, CEDH - Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano, Faculdade de Educação e Psicologia)

Introdução

Este texto tem como objeto dar conta da visita de estudo realizada no dia 28 de março de 2017 ao Centro de Estudos João XXII – Jesuítas de Bellvitge no âmbito do *II Simposio Internacional Barcelona | Educación | Cambio* e organiza-se nas seguintes partes: explicita em termos sintéticos o conteúdo anunciado no *site* do Simpósio, dá conta da imagem global recolhida e de uma perceção global, regista as *inovações* observadas, procura apreender as disposições das pessoas com quem interagimos, enuncia apropriações possíveis para a escola portuguesa e retira algumas conclusões que decorrem da teoria e do observador e que podem inspirar a ação das escolas, das políticas e dos professores.

A imagem narrada

No site do Simpósio esta escola é apresentada sumariamente do seguinte modo:

Jesuítas Bellvitge – Centro de Estudos João XXIII é uma das oito escolas que faz parte da Fundação Jesuítas Educação na localidade de *L’Hospitalet de Llobregat, en Bellvitge*, um bairro com 50 anos de história, praticamente os mesmos que o Colégio. A origem *obreira* e a idiosincrasia do contexto sociocultural marcam por completo as suas características.

Os ciclos educativos vão da educação de infância até à secundária pós-obrigatória com o ensino secundário (*bachillerato*) e os ciclos formativos de grau médio e superior. O colégio aposta numa transformação da educação conjugando os valores da pedagogia e da espiritualidade inaciana e tendo em conta os contributos mais recentes da neurociência, da psicologia e da pedagogia.

No ano de 2015-16 começou a aplicar o MOPI [Modelo Pedagógico de Infância], o novo modelo de pedagogia aplicado à etapa da educação de infância, aproveitando espaços grandes e muito estimulantes, partilhando projetos e aproveitando ao máximo o potencial do jogo. Aposta-se na estimulação das inteligências múltiplas já nesta idade trabalhando com a diversidade de possibilidades que esta etapa de crescimento oferece em termos de aquisição de diversas linguagens: verbal, matemática, artístico-plástica, musical, corporal.

No ano de 2016-17, iniciam a aplicação da NEI nos 5º e 6º ano da primária (10 e 11 anos), seguindo o modelo dos Jesuítas Educação, marcado pelos seguintes aspetos essenciais: i) aluno no centro do sistema e protagonista da sua aprendizagem; ii) professor como guia, elemento chave no acompanhamento do aluno; iii) agrupamento amplo de alunos, atenção à diversidade e docência compartilhada; iv) trabalho por projetos; v) trabalho colaborativo em equipa, envolvendo alunos e professores; vi) avaliação dinâmica de processos e resultados; vii) incorporação sistemática das ferramentas TIC; viii) visão multicultural, internacionalizadora e plurilingue; ix) integração transversal dos valores e espiritualidade *inacianos*¹; as famílias apoiam e participam ativamente no processo de aprendizagem.

Página web: www.ioan23.fje.edu/

Ideia geral recolhida

¹ A base da Pedagogia Inaciana inspira-se nos exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola e agrega toda a experiência inaciana no ensino até os dias de hoje. A proposta pedagógica promove experiências de ensino e aprendizagem voltadas para a vida, isto é, para os valores humanos e espirituais, construídos para darem sentido à experiência por toda a vida. De forma esquemática, podemos sintetizar a Pedagogia Inaciana a partir dos seguintes elementos: contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação.

Na visita realizada confirmou-se que o colégio tinha em marcha um novo projeto educativo no ciclo infantil e nos dois últimos anos da primária (5º e 6º ano) no que os jesuítas designam a NEI – Nova Etapa Intermédia – caracterizada por pretender assegurar a passagem mais articulada e integrada do fim do ensino primário e o início do secundário obrigatório (7º e 8º ano).

Os espaços alocados à intervenção nestes níveis educativos estão espacialmente marcados com cores identificativas que pretendem, no domínio simbólico e prático, criar uma identidade e induzir à adoção de uma mudança de disposição, da atitudes e de práticas. Trata-se de uma inovação *incremental* que só se aplica a dois ciclos de estudos e de forma progressiva, podendo-se afirmar que, também nesta escola, há (pelo menos) duas escolas distintas: a que segue a *velha* gramática e a que adota a *nova*.

Perceção global

Do clima de escola

O clima de escola nas duas áreas observadas parece positivo. Nas duas salas do MOPI observadas, as crianças estavam organizadas em dois grupos na mesma sala, com dois educadores/as, num total de cerca de 40 crianças por sala. Todos pareciam envolvidos no trabalho que estava a ser realizado.

No 6º ano [último da primária, segundo da NEI], observamos cerca de 60 alunos num espaço amplo a trabalhar em grupos de 4 elementos. O ambiente era de pesquisa e produção autónoma monitorizada por 3 professores. O projeto que todos estavam a desenvolver era sobre os refugiados.



Figura 1 – visão global da grande sala

Da estratégia geral de inovação e mudança

A estratégia é comum a todos os colégios jesuítas envolvidos. Formação inicial de professores² que se voluntariam para o projeto, construção de projetos (conceptualização, produção de materiais específicos....), monitorização do processo na rede dos oito colégios, lideranças próximas e inspiradoras, alteração radical de algumas regras da *gramática escolar* [sobretudo na NEI], implicação e compromisso pessoal e profissional. Os professores em ação mudaram de crenças (sobre a missão da escola, a sua própria missão, o papel dos alunos...), mudaram de práticas (de transmissores para organizadores de conhecimento, mediadores de aprendizagem), mudaram de cultura profissional (de funcionários de um sistema padronizado e desautorizante para profissionais criadores e autores).

² Os educadores e professores que quiseram aderir ao projeto foram substituídos nas suas aulas por um período de entre 3 a 6 meses para poderem, nesse espaço de tempo, estar inteiramente dedicados à formação.

As inovações observadas

A inovação mais evidente tem a ver com os espaços. Têm uma área bastante maior do que as chamadas salas de *aula normal (AN)*. No MOPI as salas têm o dobro do espaço usual (digamos cerca de 40 a 50 crianças) que constituem um grande grupo que trabalha com dois (ou três) educadores presentes. Este grande grupo pode ser dividido em grupos de trabalho com configurações diferentes em função de projetos e atividades específicos. Há ainda um grande espaço aberto onde todas as crianças e educadores podem interagir e que permite múltiplas ações e aprendizagens de natureza sobretudo informal.



Figura 2 – Espaço multiusos do MOPI

Na NEI há um grande espaço de *aula* que comporta cerca de 60 alunos, dois espaços pequenos no topo da sala, envidraçados, de modo a permitir completa visibilidade de e para o espaço mais amplo de sala, que são utilizados para trabalho de docentes ou apoio tutorial a alunos específicos. Este tipo de trabalho pode ser realizado ao mesmo tempo que o grande grupo de alunos se encontra a trabalhar no espaço mais amplo.

O espaço é atópico, descentrado. Os alunos trabalham em grupos de 4, de forma relativamente autónoma. Esta estrutura espacial e esta presença de educadores e professores permite configurações mais flexíveis de grupos e alocações específicas educadores/alunos.

Sobretudo na NEI, os modos de trabalho pedagógico são muito diferentes dos que prevalecem num modelo escolar mais tradicional. Predomina o trabalho em equipa, a entreaajuda, a pesquisa orientada, a produção de conhecimento a partir de fontes que são disponibilizadas.

O recurso à internet é regular e sistemático. O trabalho em projetos integradores é uma marca distintiva. Estes ocupam, no ano observado (o 6º, o último da primária), um lugar relevante e são curricularmente estruturados e planeados, permitindo o trabalho autónomo e em grupos pequenos. Este tipo de trabalho não dispensa o trabalho de base disciplinar nos casos das línguas, educação física, matemática.

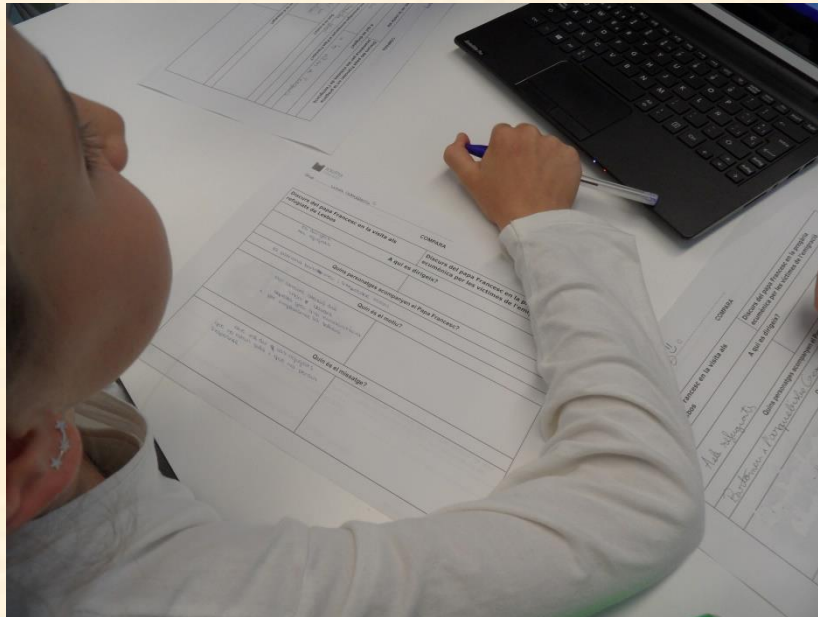


Figura 3 – Trabalho por projetos

A avaliação articula um conjunto alargado de critérios que vão muito para além dos académicos. A comunicação dos processos e resultados educativos faz-se através de suportes informativos ricos e fáceis de entender.

A nível pedagógico, salienta-se:

- a organização e gestão mais autónoma, flexível (e profissional) do currículo;
- estratégias de gestão do trabalho em sala de aula, colocando os alunos em aprendizagem colaborativa e processo de pesquisa;
- as estratégias de ensino são pensadas para gerar aprendizagens relevantes;
- a avaliação é multicriterial.

Ao nível dos recursos pedagógicos mais frequentemente mobilizados salienta-se:

- a configuração e o uso dos espaços;
- o recurso a *tablets* e computadores pessoais;
- o uso de métodos ativos e interativos.

As pessoas

Caracterização das lideranças

A liderança parece assumir o papel de construtora de uma visão unificada, de mobilização para uma ação pedagógica *consentida*, de partilha e empoderamento dos atores.

Disposições de professores

Nesta visita tivemos oportunidade de conversar brevemente com alguns professores. Estes assumem o papel de mediadores e de guias de aprendizagem, focalizam-se nos processos de aprendizagem dos alunos e estão conscientes de que têm de contribuir para formar pessoas:

Competentes

Conscientes

Compassivas

Comprometidas

(os 4 “Cs” que norteiam o processo de ensino / aprendizagem)

O trabalho que realizam é intenso (na 1ª etapa NEI trabalham 25 horas letivas + 5 de trabalho não letivo no colégio) mas, aparentemente, realizam-no de forma gratificada. As cinco horas de trabalho não letivo são empregues de forma diversificada, mas servem sempre para planificar em conjunto a ação educativa.

Disposições de alunos

Os alunos da 1ª etapa da NEI estavam em processo de trabalho, sabiam o que estavam a fazer e compreendiam o sentido do seu trabalho. Na semana da vista estavam a fazer um projeto de curta duração sobre os refugiados. Possuíam um roteiro de trabalho que tinham de preencher em equipa e as fontes de informação estavam disponíveis na Net.

Disposições dos pais

No caso dos pais, não houve recolha de evidências que ilustrassem a sua posição. Só indiretamente se pode colocar a hipótese de que estarão sintonizados com o projeto educativo do colégio.

Outras dimensões relevantes observadas

Talvez seja de sublinhar que a força do projeto advém do sentido de pertença a uma rede de colégios Jesuítas da Catalunha que se dotou de uma organização de suporte. Para além de um diretor-geral, cada foco de intervenção tem um responsável pela coordenação. O conjunto dos responsáveis integram o Conselho do Modelo Pedagógico em curso, como se pode observar na imagem seguinte:

EL CONSEJO DEL MODELO PEDAGÓGICO

El Consejo del Modelo Pedagógico (CMP) de Jesuites Educació es el órgano que da coherencia y profundidad al trabajo pedagógico vinculado al desarrollo del Horitzó 2020 en las seis etapas y las ocho escuelas de la red.

“Qué bien que este mundo puede contar contigo”



Joan Blasco
Director del Modelo Pedagógico de JEducació

Entrevistamos a Joan Blasco, director del Modelo Pedagógico de Jesuites Educació.

¿A qué necesidad responde la creación del CMP?

Puestas en marcha las dos primeras experiencias piloto del MOPI y de la NEI, el desarrollo del H2020 ha entrado en una segunda fase en que es necesario validar y generalizar las propuestas y los calendarios de nuestro proceso de innovación educativa. El Consejo, formado por las direcciones de las diferentes etapas en red y de las experiencias piloto, es quien desarrolla esta tarea armonizadora, de profundización y propuesta.

¿Cuál es la ubicación funcional del Consejo dentro de la red?

El CMP forma parte de una triada constituida también por el Consejo de Directores y el Consejo de Gerentes. Estos tres órganos conforman finalmente el Consejo General y tienen una mirada y una acción global y transversal sobre las 6 etapas y las 8 escuelas de la red de JE.

¿Cómo ha sido la experiencia del primer año del Consejo? ¿Con qué evidencias os habéis encontrado?

La experiencia ha sido muy buena. Hemos constatado que las escuelas tienen más aspectos en común de lo que imaginábamos en un principio. Y también hemos visto que los elementos centrales del MEJE responden a convicciones y evidencias educativas muy adaptables a todas las etapas. El trabajo matricial, por su lado, nos está permitiendo asegurar la excelencia de las propuestas porque no las estamos produciendo en modo genérico: como decíamos antes, cada etapa y cada escuela adapta las innovaciones vehiculadas por el CMP a su entorno específico.

El próximo curso, después de muchos años de cargo, dejarás la dirección de JSGervasi para dedicarte plenamente a la dirección del Modelo Pedagógico de JE. ¿Cómo lo vives?

Con naturalidad y con agradecimiento por los muchos aprendizajes y experiencias vividos a todos los niveles en mi etapa en el Infant Jesús. Por otro lado, la satisfacción que siento hoy es muy grande: poder participar en la transformación de la escuela del siglo XXI con un equipo humano tan bien preparado y comprometido es un privilegio.

¿Cuáles son los retos que en estos momentos el H2020 nos plantea?

Con el MEJE hemos situado al alumno en el centro de la escuela, y eso es un gran acierto. Ahora tenemos que situar al educador a su lado. En el proceso de innovación disruptiva en el que estamos inmersos es crucial recrear o priorizar algunos aspectos de los roles y funciones de los educadores para hacerlos aún más valiosos. Y esto pasa por ofrecerles la oportunidad de continuar su desarrollo vital e invitarlos y darles espacio para la transformación profesional al servicio de la persona y de la escuela que queremos. Lo hemos visto en los PIEPS: damos tiempo y acompañamos a los equipos de educadores a reconectar con su vocación y a vivir con emoción revitalizada y con un papel protagonista su rol dentro de la escuela. Y es que para hacer música no basta con escribir una partitura: la música solo se produce cuando los músicos interpretan sus notas.

¿Con qué palabras cerrarías el Periódico? ¿Algún mensaje para alumnos, educadores y familias de JE?

Celebramos que la transformación ya es una realidad y que no solo estamos transformando la escuela... Porque todos, de una forma u otra, también nos estamos transformando, porque el H2020 es una invitación humanizadora y de sentido que llega a todos los rincones de la red (incluida la red neuronal, emocional, física y espiritual de todos nosotros). ¡Seguimos!



- 1 Dolors Solsona, directora del MOPI
- 2 Guillem Fàbregas, director de la NEI
- 3 Miquel Amor, director del CETEI
- 4 Pepe Menéndez, director de FP
- 5 César Martín, director de los profesionales de orientación psicopedagógica
- 6 María Àngels Brescó, directora de Primaria
- 7 Minerva Porcel, directora del TQE
- 8 Joan Blasco, director del Modelo Pedagógico
- 9 Pere Fons, secretario del Consejo
- 10 Glòria España, directora de Bachillerato
- 11 Xavier Dalmau, director adjunto de FP
- 12 Núria Gonzalo, directora de ESO (ausente en la fotografía)

Consejo del Modelo Pedagógico

¿Cómo trabajan las direcciones de etapa con las direcciones de las escuelas?

Practicamos la gobernanza matricial. Combinar los dos vectores (modelo pedagógico y contexto social) nos permite aterrizar el Modelo Educativo de JE (MEJE) con coherencia y personalización en cada centro. Y nos pide, a la vez, aprender constantemente reforzando nuestra comunicación y trabajo conjunto.

Figura 6 – Conselho do Modelo Pedagógico

Apropriação possível para a *escola portuguesa e condições de êxito.*

Há diversos aspetos passíveis de ser incorporados nas práticas educativas das escolas portuguesas. Desde logo, a ideia-base de que a educação tem de estar ao serviço das aprendizagens de todas e cada uma das pessoas. E isto significa que o foco do processo de ensino / aprendizagem deixa de estar no programa e passa a estar na Pessoa. Esta é a ideia-guia, devendo tudo resto subordinar-se a este princípio. É um saber e um sabor que têm de estar conjugados. E é uma ação profissional que tem de estar sintonizada com este propósito basilar. Para isso, os professores têm de se posicionar para estar ao serviço deste valor humano essencial. E para isso, têm de colaborar, construir recursos específicos, ser autores desta construção e deste horizonte.

A organização do tempo semanal também pode fugir (ainda que parcialmente) à lógica puramente disciplinar. É possível trabalhar em equipa educativa para / com um grande grupo de alunos. É possível gerir mais flexivelmente os alunos de um ano de escolaridade e adequar a oferta educativa às suas necessidades de aprendizagem. É possível uma liderança distribuída e empoderadora. É possível uma escola de trabalho, de esforço e de alegria que escape ao tédio do aborrecimento.